

JOSÉ SARNEY.**'Sem isso, ia tudo para o beleléu'**

• Voltamos ao tempo dos pacotes, constata o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP), autor de pacotes econômicos, que nega ter adiado medidas amargas no Plano Cruzado por causa da eleição de 1986.

Maria Lima e Tales Faria

O GLOBO: *O presidente Fernando Henrique fez agora o que o senhor não fez para salvar o Plano Cruzado às vésperas das eleições de 1986, quando na convenção de Carajás o PMDB decidiu adiar medidas amargas para eleger governadores?*

JOSÉ SARNEY: É mentira o que se tem dito de Carajás. Não estávamos sob uma crise e aquela foi só uma reunião de avaliação. O erro não foi Carajás, foi o Cruzado II. Cada Governo reage de acordo com suas circunstâncias. Qual a medida que me pediram e eu não tomei? Quantos pacotes fizemos? O próprio Chico Lopes admite que o pacote de 89 foi o mais duro ajuste fiscal da his-

tória. Eu também tomei medidas amargas. Até hoje pago por isso.

• *O presidente agiu certo?*

SARNEY: Na situação atual, fez o que podia. O pacote tem uma conotação externa muito grande. Se não tomasse essas medidas agora, ia tudo para o beleléu... Tenho alguns reparos. Para que a demissão de 35 mil servidores, que não representa uma economia significativa diante do percentual de 5% do PIB. Isso só vem traumatizar ainda mais a área social. Também não entendi a exclusão de 140 mil inativos que não se cadastraram.

• *O pacote vai passar no Congresso?*

SARNEY: Voltamos ao tempo dos pacotes. Eu que fui presidente e numa hora difícil tive de tomar medidas amargas não posso deixar de apoiar essas medidas. Nesse momento não se discute governos, mas o país.